

DEIXA O FREVO ROLAR: ENTENDENDO A POESIA DOS BLOCOS LÍRICOS DO RECIFE

Rodrigo Sérgio Magalhães Bahia dos Santos¹

Diego Costa Mendes²

Roberta de Albuquerque Pereira³

Resumo: Através de uma abordagem qualitativa, este trabalho se propõe a investigar com fins ora exploratórios ora descritivos os Blocos Líricos do Recife. O intuito do mesmo é fazer com que pernambucanos e não pernambucanos entendam o significado do lirismo presente nos frevos de bloco e na própria existência das agremiações. Para isso são trazidos para familiarizar-se ao leitor o surgimento dos blocos até sua real conjuntura hoje, os grandes compositores de frevos de bloco e algumas canções que simbolizam a cultura deste tipo de carnaval.

Palavras-chave: Carnaval, Recife, Blocos Líricos, Frevos de Bloco.

1. Introdução

O centro recifense é conhecido como um verdadeiro nascedouro de cultura carnavalesca, um celeiro de grandes acontecimentos culturais. A cidade é recinto do faraônico *Galo da Madrugada*, o maior bloco carnavalesco do mundo segundo o livro dos records (*Guinness Book*), e da Escola de Samba Estudantes de São José, uma das mais famosas da cidade. Recife também é palco da famosa Noite dos Tambores Silenciosos, no Pátio do Terço, encontro de várias nações de maracatus, cultura genuinamente pernambucana, onde à meia-noite apagam-se as luzes e se soam os tambores.

É possível afirmar que o bairro de São José é o pai dos blocos líricos. Nasceram lá: *Batutas de São José*, *Turunas da Mauricéia*, *Príncipe dos Príncipes*, *Corações Futuristas*, *Lira do Amor*, *Lira das Liras*, *Andaluzas*, *Madeira Jacarandá*, *Chumbalachos*, *Rebeldes Imperiais*, *Bloco das Ilusões*, *Pierrot de São José*, dentre outros.

Segundo o historiador Leonardo Dantas da Silva, convencionalmente, afirma-se que o primeiro bloco lírico do Recife foi o *Bloco das Flores*, mas alguns pesquisadores apontam o *Batutas da Boa Vista* como o primeiro bloco organizado da cidade. É certo

¹ Graduado no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade Maurício de Nassau - Email: rodricine@hotmail.com

² Graduando do curso de Administração da UFPE - Email: diegocostape@gmail.com

³ Graduanda do curso de Administração da UFPE - Email: betalbuquerquep@hotmail.com



que os dois são de 1920, como o também *Flor da Lira do Recife*, sendo os três considerados os primeiros blocos líricos do Recife.

Este artigo é fruto de questionamentos de amantes do carnaval pernambucano querendo descobrir o que faz manter viva esta tradição, por vezes pouco valorizada e esquecida quando fora do período carnavalesco, que origem possui estes blocos e quais os reais sentidos das canções líricas entoadas e admiradas nos festejos de momo da Veneza Brasileira.

2. Referencial

O lirismo tem presença marcante no Carnaval do Recife. A poesia lírica é trazida aos festejos pelos blocos líricos pernambucanos.

O pastoril, cerimônia de louvação ao nascimento do menino Jesus, realizada pelas moças (as pastorinhas), comemorado juntamente com as celebrações dos ranchos de reis deram origem aos blocos líricos. Pode-se afirmar que a alma feminina é a essência e alicerce dessa cultura lírica que abrilhanta os Carnavais do Recife. A leveza no andar dos blocos, conduzido por brilho sublime e maciez de vozes, é de inspiração feminina. Os homens têm o seu papel viril de regência da trilha sonora, de condução da orquestra de pau e cordas, com violões, violinos, cavaquinhos, clarinetes, contrabaixos, percussão, como já de costume nos saraus e serenatas que aconteciam no centro do Recife. O surgimento dos blocos líricos ocorreu através das reuniões familiares dos bairros tradicionais, como São José, Santo Antônio e Boa Vista, que cultuavam as celebrações do ciclo natalino: pastoril, presepes, queima da lapinha, rancho dos reis.

O surgimento dos clubes carnavalescos mistos, nos anos vinte do século XX, permitiu ao elemento feminino da chamada baixa burguesia que não tinham condições de frequentar os luxuosos bailes promovidos, principalmente, pelo Clube Internacional e Jôquei Clube, a participar do Carnaval. Numa época que as mulheres nem sonhavam em votar, constituindo uma importante abertura no âmbito sociológico.

As integrantes eram protegidas da massa pelo cordão de isolamento, composto pela vigilância dos pais, maridos, irmãos, genros, amigos, dando um ar familiar ao trajeto. A participação dessas mulheres no Carnaval de Rua, promovido pelas troças e clubes pedestres com o frevo rasgado, era terminantemente desaconselhável, para não dizer proibido. Sendo assim, os blocos líricos chegaram para unir homens e mulheres numa mesma emoção, algo leve, com cortejos poéticos que mais pareciam uma extensão da rua de casa. O Recife vivia um momento mágico no qual os blocos líricos eram uma verdadeira febre, e isso qualquer curioso no assunto detém como impressão. O lirismo

virou completamente a cabeça dos recifenses, atingindo proporções nacionais, inclusive gerando fãs até no Rio de Janeiro, então capital do país, que detinha uma cultura carnavalesca bastante concreta. Os blocos começam a ganhar as ruas do Recife já no Natal. Entravam pelas festas de fim de ano, Dia de Reis até anunciar o Carnaval. E era um anúncio apoteótico, envolvendo toda a imprensa falada e escrita. Todos os amantes do reinado de momo estavam por dentro das prévias dos blocos líricos. Era um sentimento que envolvia toda a família: pais, filhos, avós.

O historiador e compositor *Antonio Maria* comenta claramente (SILVA et al., 1991, p.11) a passagem dos blocos carnavalescos na época do Natal:

“No Recife, o Carnaval começava no Natal. Ou melhor, não havia Natal, no Recife. A 24 de dezembro, os blocos saíam à rua, com suas orquestras de 30 a 40 metais, seus coros de vozes sofridas, a tocar e cantar as jornadas mais líricas. Chamavam-se ‘jornadas’ alguns dos cantos Carnavalescos do Recife, talvez, por influência das ‘jornadas’ dos pastoris.”

A vestimenta não tinha muita pompa: composta de camisas estampadas e chapéus de palha para os homens e vestidos coloridos acompanhados com as flores nas cabeças das mulheres. Os blocos eram anunciados por um cartaz vazado, em forma de leque, com o nome da agremiação, batizado de *flabelo*. O *flabelo* vem da figura da flabelista, a pastorinha, ratificando fortemente a presença feminina nos blocos líricos. O passo rasgado era proibido, somente as movimentações leves, típicas dos cordões azul e encarnado dos pastoris, eram aceitas. Assim se formava uma belíssima aquarela que se fundia a uma sinfonia de coro e orquestra evocando a visão do paraíso. Este era o retrato das ruas da Veneza Brasileira naqueles primórdios de folia lírica. Muita cor, brilho, músicas melódicas, enaltecendo os valores da cidade, dos poetas, dos artistas em geral.

2.1. Os Blocos Líricos

O primeiro bloco lírico do Recife foi o *Bloco das Flores*, fundado em 1920, com sede na casa do seu fundador, Pedro Salgado, na Rua Imperial. Sua orquestra era regida pelo renomado musicista e compositor Raul Moraes. A partir daí, deu-se início a criação de outros blocos memoráveis como o *Batutas da Boa Vista*, que depois gerou o *Batutas de São José* (de Augusto Bandeira e Zé Correia), *Bloco Concórdia* (de Nelson Ferreira), o *Apôis Fum* (de Felinto e Fenelon), o *Andaluzas em Folia* e *Pirilampos de Tejipió* (ambos de Guilherme de Araújo). Importante também registrar outros blocos líricos do Recife para se perceber a poesia impregnada nos nomes, mesmo tendo quase que em sua totalidade desaparecido. São eles: *Príncipe dos Príncipes*, *Cartomantes*, *Camponeses*, *Bloco Um dia só*, *Bobos em Folia*, *Corações Futuristas*, *Flor da Magnólia*, *Madeira do*

Rosarinho, Lira de Charmeon, Lira das Liras, Sem Rival, Jacarandá, Madeira da Fé, Crisântemos, Se tem bote, Pavão Dourado, Camelo de Ouro, Turunas da Mauricéia, Lira da Noite, Banhistas do Pina, Inocentes do Rosarinho, Um dia de carnaval, Borboletas em folia, Flor da Lira, Lira do Amor, Rebeldes Imperiais.

Hoje, temos uma leva de agremiações que também primaram pela sedução nos nomes. Um dos mais conhecidos é o *Bloco da Saudade*, 1974, de Zoca Madureira e Marcelo Varela, fruto de um sonho idealizado por Edgard Moraes (compositor e fundador de várias agremiações) para resgatar o saudosismo dos blocos antigos e também uma homenagem ao irmão Raul Moraes, famoso musicista, falecido na década de trinta. Na verdade foi uma aposta dos três, feita em 1973, que colocariam esse bloco nas ruas, por coincidência ano da morte de Edgard. Em 1974, Zoca e Marcelo cumpriram a aposta. A partir do Bloco da Saudade vieram vários blocos como *Aurora do Amor, Eu Quero Mais, Um Bloco em Poesia, Nem sempre Lilly toca flauta, Confete e Serpentina, Esperança, das Ilusões, O Bonde, Cordas e Retalhos, Pierrot de São José, Flor da Vitória Régia, Flor do Eucalipto*. Todos ainda desfilando no Carnaval do Recife e, alguns, também em Olinda.

A cultura carnavalesca dos blocos líricos sofria grande risco na década de noventa do século XX. As agremiações faziam roteiros que não se cruzavam, transformando o desfile em desfiles. Uma pessoa que foi fundamental na criação do encontro dos blocos na segunda-feira de Carnaval foi Gerson Victor, fundador-presidente do *Nem sempre Lilly toca flauta*. Gerson se preocupava com esse desencontro que não favorecia a popularidade dessa cultura recifense. Ao contrário, contribuía para uma atenção desconcentrada, no qual os foliões que acompanhavam o bloco de sua preferência estavam espalhados pelos cantos da cidade. E a continuidade disso, certamente, seria o desaparecimento gradativo destas agremiações.

Surgiu-se então a idéia de um encontro de blocos, um desfile único que abraçava todas as preferências. O primeiro aconteceu no Carnaval de 1992 no famoso *Gambrinus*, que se localizava no Edifício Chanteclair, Rua Marquês de Olinda, bairro do Recife, fechado em 2000 para dar início a restauração do edifício. Os blocos desse primeiro encontro foram o *Nem sempre Lily toca flauta, Eu Quero Mais, Aurora de Amor* e o *Bloco das Ilusões*. Hoje, essa famosa concentração reúne cerca de vinte blocos líricos. É difícil conter a emoção, estando no Recife Antigo, ao olhar para Ponte Maurício de Nassau e avistar uma comunhão de cores e brilhos regida por bandas de pau e corda que

parece uma só. São vários foliões fantasiados que puxam os outros pelo caminho, em direção ao grande palco no Marco Zero, a apoteose.

2.2. Os Poetas

Não é possível separar comentários sobre o conteúdo dos frevos de bloco do seu processo de construção, sem citar os grandes compositores pernambucanos e suas belas canções, estrelas desse tipo de música que já nos anos trinta contagiou todo o Brasil.

Nelson Ferreira (1902-1976) foi um dos mais brilhantes instrumentistas e compositores do Carnaval pernambucano. É atrelada a ele a primeira marcha de bloco de sucesso gravada em disco, *Borboleta não é Ave*, em 1923:

*Borboleta não é ave
Borboleta ave é
Borboleta só é ave
Na cabeça da mulher*

*Borboleta, borboleta
De voar nunca se cansar
Menina da perna Fina
De socó tem semelhança*

*Borboleta quando fores
Lá para as bandas do Norte
Da coruja, minha sogra
Leva o Gênio de má sorte*

Segundo Leonardo Dantas Silva (1998, p.27), o *Diário de Pernambuco* noticiou em sua edição de 1º de fevereiro de 1922:

“(…) uma das composições musicais escritas especialmente para o Bloco Concórdia é ‘Borboleta não é ave’, da lavra do maestro Nelson Ferreira, regente da Orquestra do Teatro Moderno, com versos de J. Borges Diniz. Esta marcha agradou muito às pessoas que a ouviram.”

Contudo, é com *Evocação*, um frevo de bloco de 1957, gravado com o coral dos Batutas de São José, que Nelson emocionou a todos por fazer uma homenagem a grandes ícones do nosso Carnaval.

*Felinto, Pedro Salgado,
Guilherme, Fenelon,
Cadê teus blocos famosos?
Bloco das Flores, Andaluzas,
Pirilampos, Apôis Fum!
Dos carnavais saudosos?!
Na alta madrugada, O coro entoava
do bloco a marcha-regresso.*

*Que era um sucesso, dos tempos ideais,
Do velho Raul Moraes!
Adeus! adeus Minha gente,
Que já cantamos bastante,
E o Recife adormecia,
Ficava a sonhar,
Ao som da triste melodia.*

Raul Moraes (1891-1937), conhecido como o “Príncipe das Marchas de Bloco” por compor de uma maneira primorosa, foi um magnífico pianista e trabalhou nas melhores casas de diversões do Recife. Pelo seu renome, ensinou por dez anos na Academia de Canto e Música de Porto Alegre. Esteve à frente das orquestras dos blocos *Pirilampos de Tejipió* e *das Flores*. Escreveu a *Marcha da Folia*, em 1924, um hino do *Bloco das Flores*:

*Bloco das Flores,
Por onde passa,
Semeia com tal graça,
ao som de lindas canções
Os esplendores, dessa alegria,
que as almas extasia
e apaixona os corações...*

*Viva a folia,
do carnaval.
Intensa Alegria,
sem outra igual
que olvidar, faz a dor ferina
que nos ensina,
sorrir e amar!*

*Temos na vida só dissabores,
tristezas, amargores
a desilusão final.
Mas de vencida o mal levemos,
Esquecendo o que sofremos,
Divertindo no carnaval.*

Edgard Moraes (1904-1973) foi compositor, violonista e fundador de blocos afamados como: *Corações Futuristas*, *Pirilampos* e *Turunas*. Seguiu os passos do irmão mais velho, Raul Moraes, tornando-se um grande amante do Carnaval recifense. Compôs mais de 300 canções, sendo considerado o mestre dos frevos de bloco. Dirigiu uma orquestra de metais e compôs vários frevos, mas logo foi seduzido pelas marchas de bloco e trocou os metais pelo pau e cordas. É de Edgard Moraes uma das mais

completas canções de Carnaval que citava vários grandes blocos líricos do Recife. A canção é *Valores do Passado*, uma marcha-regresso de 1962, hoje cantada fervorosamente pelo coral do *Bloco da Saudade*:

*Bloco das Flores, Andaluzas,
Cartomantes, Camponeses,
Apôis Fum e o Bloco Um dia só.
Os Corações Futuristas, Bobos em Folia,
Pirilampos de Tejipió. A Flor da Magnólia,
Lira do Charmion, Sem Rival.
Jacarandá, Madeira da Fé, Crisântemos,
Se tem bote e Um dia de Carnaval.
Pavão Dourado, Camelo de Ouro e Bebê.
Os queridos Batutas da Boa Vista, e os
Turunas de São José.
Príncipe dos Príncipes, brilhou.
Lira da Noite, também vibrou.
E o Bloco da Saudade, assim recorda,
Tudo que passou.*

Antonio Maria (1921-1964) foi um compositor pernambucano que fez carreira nacional. Travou parcerias memoráveis com Vinicius de Moraes, e teve canções gravadas por Dolores Duran, Ângela Maria, Jamelão, Elizeth Cardoso, Silvia Teles, Maria Betânia, e até por Nat Hing Cole, famoso cantor americano. Trabalhou na Rádio Clube de Pernambuco como locutor, no Diário Carioca, na TV Tupi. Compôs não só frevos, mas música romântica e muitos sambas-canção. Antonio nunca esteve atrelado a nenhum bloco carnavalesco, mas é dele um dos mais belos frevos-canção, o *Frevo nº1 do Recife*, 1951, composto quando morava no Rio de Janeiro exaltando a saudade da sua cidade natal:

*Ô Ô saudade.
Saudade tão grande.
Saudade que sinto
do Clube das Pás, do Vassouras
Passistas traçando tesouras,
das ruas repletas de lá.
Batidas de bombos são maracatus
Retardados. Chegam da cidade cansados
com seus estandartes no ar.
Que adianta se o Recife está longe
e a saudade é tão grande.
Que até me embaraço.
Parece que eu vejo Walfrido Cebola no
passo, Haroldo, Mathias, Colaço.
Recife está dentro de mim.*

João Santiago dos Reis (1928-1985), compositor, instrumentista e folclorista, foi responsável pela poesia do *Batutas de São José*, compôs vários frevos de bloco que fizeram a história da agremiação. Em 1958, ficou a frente da Orquestra Jazz do Batutas de São José. Santiago teve como parceiro o pai, José Felipe dos Reis, fundador da Orquestra Sinfônica do Recife.

Morou na Rua José Bonifácio no bairro da Madalena, local onde realizava grandes festas. Vinham vizinhos e amigos, a cantoria das freqüentes comemorações faziam de sua residência um recinto de alegria e poesia.

João Santiago trabalhava na Fundação de Cultura, pela Prefeitura do Recife, e estava sempre envolvido com os movimentos culturais da cidade. Foi de autoria do *Joca*, como era conhecido, a canção *Você sabe lá o que é isso*, de 1952, grande sucesso em todo Brasil, gravada até por Martinho da Vila, considerada hino e essência do *Batutas de São José*.

*Eu quero entrar na folia, meu bem
Você sabe lá o que é isso
Batutas de São José, isso é
Parece que tem feitiço
Batutas tem atrações que,
Ninguém pode resistir
Um frevo desses bem faz,
demais a gente se distinguir
Deixe o frevo rolar
Eu só quero saber, se você vai brincar
Ah! Meu bem sem você não há carnaval
Vamos cair no passo e a vida gozar*

Getúlio Cavalcanti (1942) é um mestre vivo. Compôs vários frevos, sambas-canção, boleros, maracatus. Até hoje compõe e participa ativamente do Carnaval do Recife. Seu primeiro frevo-canção de sucesso foi *Você Gostou de mim*, de 1962. Mas sua glória aconteceu com *Último Regresso*, de 1980, feito para o bloco *Banhistas do Pina*:

*Falam tanto que meu bloco está.
Dando adeus pra nunca mais sair.
E depois que ele desfilar, do seu
povo vai se despedir.
No regresso de não mais voltar,
suas as pastoras vão pedir:*

*Não deixem não
que o bloco campeão*

*guarde no peito a dor de não cantar.
Um bloco a mais é um sonho que se faz.
Nos pastoris da vida singular.
É lindo ver o dia amanhecer,
Com violões e pastorinhas mil.
Dizendo bem que o Recife tem
o carnaval melhor do meu Brasil.*

Getúlio compôs essa canção com o sofrimento de talvez não ver mais seu bloco do coração desfilar no Carnaval, em função de problemas financeiros. Até hoje, luta pela valorização dos compositores pernambucanos por parte das autoridades locais.

2.3. As Canções

Se formos aos dicionários da língua portuguesa, veremos que o significado de lirismo é sentimentalismo, subjetivismo poético, entusiasmo, ou seja, tudo que remete as emoções. É com esse envolvimento lírico que os grandes compositores de frevos de bloco fazem nascer as pérolas que emocionam os foliões recifenses e de outros cantos do país.

As letras dos frevos de bloco fazem lembrar de momentos inesquecíveis, amores do passado, tristezas vividas, perdas, memoráveis carnavais. O conteúdo das canções fala de amor, tristeza, saudade, pessoas importantes... exprimem poesia. Não se precisa, necessariamente, saber as letras, basta acompanhar a melodia. É notável que algumas pessoas nem sabem as letras, mas movimentam os maxilares como se fossem íntimas daquelas canções. É o próprio envolvimento lírico que conduz esse processo.

Os integrantes dos blocos têm seus hinos como se fossem uma oração. Entendem palavra por palavra e conseguem explicar, convincentemente, o motivo de cada frase naquele todo que se torna a canção. A marcha-regresso é o frevo proclamado após o desfile, no término do Carnaval.

Alguns frevos de bloco, nem tão conhecidos pela maioria dos foliões, expressam uma beleza singular. Não é difícil encontrar alguém que não tenha vivido situação semelhante à composição de Lourival Santa Clara para o bloco Madeira do Rosarinho, *Assim não me convém:*

*Me apaixonei por você
Mas você gosta de alguém
Vou procurar esquecer*

Pois sei que assim não me convém

*Ainda me lembro
De um grande amor
Que eu arranjei foi pelo carnaval
Tinha os olhinhos assim como os seus
Mas ao meu coração eles fizeram mal...*

A alegria pela chegada do Carnaval é retratada na canção *A cidade em festa*, de Luiz Faustino (1916-1984), para o bloco *Banhistas do Pina*:

*Hoje a cidade está em festa
Porque a tristeza acabou
Os clarins anunciando
O povo gritando:
A folia chegou!
Os foliões vêm chegando
Pra ver o bloco passar
Vendo o Banhistas do Pina
O bloco que domina nosso pessoal...*

Mesmo sendo grandes rivais no Carnaval, Getúlio Cavalcanti, do *Banhistas do Pina*, compôs em homenagem ao compositor João Santiago (1928-1985) do *Batutas de São José*, após a sua morte, a canção *Chora Batutas*:

*João Santiago deixou Batutas
Chora saudades seu pessoal
Banhistas hoje apesar das lutas
Sente a tristeza do seu rival
E abre seus braços pela partida
De quem deu a vida
Ao nosso carnaval...*

Nessa mesma linha de saudade por uma perda, Edgard Moraes escreveu em 1961, uma canção em homenagem ao irmão Raul Moraes, falecido em 1937:

*A dor de uma saudade
Vive sempre em meu coração
Ao relembrar alguém que partiu
Deixando uma recordação
Nunca mais...
Hão de voltar os tempos,
Felizes que passei em outros carnavais...*

É com esse conteúdo rico que os frevos de bloco se tornam uma narrativa de algo que já aconteceu com alguém, que acontece ou que é possível de acontecer. Sente-se intimidade com as letras dessas canções.

Com a grande febre dos blocos líricos geraram-se também as rivalidades entre as agremiações. Os campeonatos passaram a ser disputados a ferro e fogo. O exemplo mais clássico desse processo foi a rivalidade entre os blocos *Inocentes* e *Madeira do Rosarinho*, ambos fundados em 1926. Leonardo Dantas Silva (1998) conta que era bastante intensa a rivalidade desses dois blocos. Comenta que em 1954 o *Inocentes* pediu ao compositor Chico Bateria uma marcha que ‘mexesse’ com o pessoal do *Madeira*, daí foi composta a canção *Mágoa*:

*Na vida há três dias
De glória e prazer
Tristeza e desilusão
Desiludido é assim teu viver
Com mágoa no coração
E o “Inocentes” tem a primazia
É o espelho de glória a brilhar
Na liderança gozar simpatia
Exemplo no carnaval...*

Houve uma resposta dada pelo *Madeira* em um ano que, por desavenças em sua diretoria, o *Inocentes* não desfilou no Carnaval. Foi composta por Roberto Bozan a marcha *Quá! Quá! Quá! Quá! ...*, gravada sob o título: *Pára-quedista*:

*Quem me chamou pára-quedista
Não pense que eu vou chorar
A vida só é boa assim
Compõe tu de lá e eu de cá*

*É muito jovem
Pra comparar
Com esse Madeira tradicional
Agora, chegou a minha de gargalhar
Quá! Quá! Quá! Quá! ...*

Na verdade, essa ironia do *Madeira* foi uma resposta a uma marcha que o *Inocentes* fez, num Carnaval anterior, por ter desfilado primeiro que o rival no plano elevado do palanque da Federação Carnavalesca, na Praça da Independência. A música foi escrita novamente por Chico Bateria, chamada *Xô! Xô! Pára-quedista*, que cutucava o *Madeira* com a seguinte letra:

*Deixa de ser presunçoso
Teu lugar é lá atrás
Pois nesta fila só brinca
Quem é bacharel*

*E tem diploma no carnaval
Toma juízo vai pra trás, estás errado
Ocupa a tua posição.
És um errado, enfim um vigarista
Xô! Xô!, pára-queda! ...*

Todavia, o maior sucesso de um frevo-canção, cantado por quase toda totalidade dos foliões dos Carnavais pernambucanos, é *Madeira que cupim não rói*. Essa marcha foi composta pelo famoso Capiba, em 1963, a pedido do bloco *Madeira do Rosarinho*, como um desabafo pelas injustiças para eles cometidas pelas comissões julgadoras dos Carnavais. Essa marcha é obrigatória em qualquer prévia ou qualquer momento que se faça alusão ao Carnaval recifense.

*Madeira do Rosarinho
Vem à cidade sua fama mostrar
E traz com seu pessoal
Seu estandarte tão original*

*Não vem pra fazer barulho
Vem só dizer; e com satisfação
Queiram ou não queiram os juízes
O nosso bloco é de fato campeão*

*E se aqui estamos, cantando esta canção
Viemos defender a nossa tradição
E dizer bem alto que a injustiça dói
Nós somos “Madeira”, de lei que cupim não rói*

3. Procedimentos Metodológicos

O presente estudo é direcionado pelo método qualitativo, com fins ora exploratórios ora descritivos. A coleta de dados foi realizada através de pesquisa bibliográfica e documental. Está última proporcionada através do acesso ao acervo histórico, familiar e pessoal de *Jane Emirce de Melo* (Presidente do *Bloco das Flores*) e *Valdésia Reis* (viúva de João Santiago dos Reis, compositor de frevos de bloco do *Bloco Batutas de São José*).

A sede de agremiações carnavalescas e pontos históricos do Recife, como o Pátio de São Pedro, onde se concentram as prévias e os próprios desfiles dos blocos foram utilizados como fonte de dados, tendo como principal via de investigação a observação direta e intensiva.

A pesquisa de campo foi marcada pela visitação aos bailes nas sedes de agremiações carnavalescas, comemoração do Dia Municipal do Frevo de Bloco no Pátio de São Pedro; prévias do encontro dos blocos líricos do Recife.

Outro recurso adotado foi a realização de entrevistas não sistematizadas. Dentre alguns entrevistados estão: as já citadas *Jane Emirce de Melo* e *Valdésia Reis*, além de *Nadira Nascimento*, Presidente do Bloco Batutas de São José, e de integrantes e amantes do carnaval lírico.

4. Algumas Análises

Os blocos líricos conseguiram se desvincular da real origem, centrada no Pastoril e Rancho de Reis (ambas do ciclo natalino), e denotaram um sentido próprio para seus festejos e sua representatividade.

A tradição dos desfiles destas agremiações está associada à própria história de vida de seus integrantes, participar e vivenciar o lirismo carnavalesco é um resgate da cultura popular e da história de seus antepassados. Desfilar por um bloco não é apenas uma escolha, e sim um legado repassado de geração a geração. O bloco do coração proporciona reviver momentos e emoções já experimentadas por seus ancestrais. A nostalgia presente nas canções entoadas familiariza-se à história de vida de quem as escuta: recordam-se amores, desilusões, conquistas.

A cultura dos blocos permanece viva e consistente em virtude do envolvimento familiar. É essa valorização por parte da família que garante a sobrevivência dessa cultura. Hoje, mesmo com todas as dificuldades financeiras e escassez de incentivos financeiros, novas agremiações surgem.

Um problema a ser questionado é a ínfima renovação do repertório dos frevos de bloco, faltam novos compositores e interesse pela modalidade de canção, entretanto, o vasto repertório existente consegue manter viva e consolidada esta tradição lírica do carnaval.

5. Conclusão

Em médio prazo, os blocos líricos não correm perigo de se extinguirem. Mesmo com a escassez de recursos e falta de incentivos, os fiéis adeptos às tradições e ao lirismo carnavalesco continuam mantendo viva tal cultura genuinamente recifense.

Essa constatação não pode eximir de culpa ou justificar a falta de incentivos e financiamentos governamentais para a preservação e perpetuação de seu legado cultural.

Os blocos líricos constituem parte importante e singular da história e do carnaval da cidade do Recife.

Investimentos na estrutura e revitalização das sedes de tais agremiações poderiam atrair novos adeptos, como também servir de espaço para exposição de sua história, através do acervo cultural preservado ao longo do tempo. Tais instituições poderiam, numa visão vanguardista, constituir uma alternativa rota turística à cidade, atraindo tanto pela riqueza carnavalesca, quanto pela histórica.

Concursos de frevos de bloco seriam um bom incentivo aos novos compositores e a renovação do carnaval lírico, possível prenúncio do retorno das competições entre as agremiações, tão comum no início do século XX.

Outra sólida constatação encontrada foi a de que pais transferem aos filhos o respeito e a admiração que sentem pela cultura lírica e, involuntariamente, atraem novos defensores de tais tradições. Essa herança cultural é o segredo da longevidade dos blocos líricos.

“O ritmo do frevo de bloco atrai foliões de todas as idades da criança ao idoso, todos podem juntos deliciar-se embalados pelos frevos melodiosos. Muitas das vezes, os desfilantes ou perseguidores dos blocos líricos são surpreendidos pelas lágrimas que insistentemente caem, e na folia compõem o espetáculo do carnaval. O bloco lírico é essencialmente um folguedo do Recife, combinando com as suas ruas estreitas de sobrados históricos, pontes centenárias e o rio Capibaribe a saudar os foliões em frenesi.”

Jane Emirce de Melo

6. Referências

- AMORIM, Maria Alice; BENJAMIN, Roberto. *Carnaval: cortejos e improvisos*. Coleção Malungo, v.5. Recife: 2002.
- ARAÚJO, João. *A commedia Dell'Arte no lirismo do Carnaval de Pernambuco*. 1ª ed. Recife: Editora Baraúna, 2005.
- BATUTAS DE SÃO JOSÉ. Disponível em: www.recife.pe.gov.br/2008/12/05/batutas_faz_festa_para_arrecadar_fundos_164997.php. Acesso em: 29 mai. 2009.
- BEZERRA, Amílcar; VICTOR, Lucas. *Evoluções: histórias de bloco e de saudade*. 1ª ed. Recife: Bagaço, 2006.
- BLOCOS LÍRICOS. Disponível em: gme-montarroyos.blogspot.com/2007/07/o-caminho-para-vitria.html. Acesso em: 29 abr. 2009.
- BLOCOS LÍRICOS. Disponível em: www.fundaj.gov.br. Acesso em: 18 mai. 2009.

NOVA, Júlio Vila. *Panorama de folião: o carnaval de Pernambuco na voz dos blocos líricos*. Coletânea Capibaribe, v.3. Recife: 2007.

SANTOS, Gilberlande Pereira dos; BARRETO, José Ricardo Paes. *Itinerário lírico do carnaval de Pernambuco*. 1ª ed. Recife: Editora dos Autores, 2003.

SILVA, Leonardo Dantas et al. *Antologia do Carnaval do Recife*. Recife: Massangana, 1991.

_____ *Blocos Carnavalescos do Recife*. Recife: Massangana, 1998.